

A INSUFICIÊNCIA DA FILOSOFIA EM “JOSÉ MATIAS”

DOI:10.47677/gluks.v24i3.497

Recebido: 31/08/2024

Aprovado: 04/11/2024

VARIANI, Fernando Vidal ¹

FREITAS, Lucas do Prado²

RESUMO: O conto “José Matias” (1897) está entre aqueles de maior complexidade do escritor português Eça de Queirós, renomado pela sua estrutura intrincada e riqueza metafórica. Aparece num contexto de produção de amadurecimento na escrita, ao lado de romances heterogêneos como *A cidade e as serras* (1901) e *A correspondência de Fradique Mendes* (1900), nos quais o tema filosófico desempenha um papel relevante. Esse trabalho explora a pertinência da filosofia em “José Matias” e a sua “insuficiência”. O narrador, que se autointitula filósofo, mobiliza seus conhecimentos para compreender o anômalo caso amoroso de José Matias, definido como profundamente espiritualista. No entanto, escapando às análises filosóficas desse narrador, o protagonista resta inexplicado e inacessível à lógica positivista. Nós argumentamos que a vida de José Matias, que dispensa a verossimilhança e a veracidade, está a serviço de uma sátira, de viés cético, da filosofia doutrinária. Sob a plataforma literária, a história versa sobre um tipo de especulação desprendida, que não precisa de conclusões e se contenta com o paradoxal.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura portuguesa, Eça de Queirós, Filosofia; Ceticismo

O conto “José Matias”, publicado em 1897, na *Revista Moderna*, é recorrentemente destacado como um dos mais complexos produzidos por Eça de Queirós, justamente pela sua estrutura intrincada e riqueza metafórica. Aparece inserido num contexto de produção específico, ao lado de obras de fôlego como *A cidade e as serras* (1901) e *A correspondência de Fradique Mendes* (1900), nas quais a filosofia (personagens versados em filosofia, correntes filosóficas e diálogos filosóficos) aparece desempenhando um papel mais ou menos central. Em ambos os romances, não só são mobilizados expedientes narrativos similares aos

¹ Doutorado em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná (UFPR), fernando.variani@gmail.com.

² Mestrado em Estudos Literários na Universidade Estadual de Londrina (UEL), doutorando em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná (UFPR), lucaspradofreitas@gmail.com.

do conto, nomeadamente a perspectiva testemunhal e a primeira pessoa, como também há diversas referências a filósofos, conversas de natureza filosofante e trechos ensaísticos. Os diálogos travados entre Jacinto e Zé Fernandes, por exemplo, são constantemente descritos, ao longo da narrativa, como exercícios de filosofia. Fradique Mendes, por sua vez, declara-se um não filósofo, afirmando ser incapaz de se subordinar a um conjunto de ideias, mas o protoheterônimo carrega traços de personalidade incomuns, como certo raciocínio independente, uma ampla bagagem cultural e competência para compreender filosoficamente os movimentos sociais. Em “José Matias”, sobrevém o fato de o narrador se dizer professor de filosofia e exibir um amplo conhecimento em matéria filosófica.

Leonel Ribeiro dos Santos (2008, p. 191), em “Eça de Queirós e a filosofia, ou o artista enquanto pensador”, versa sobre a “presença e [d]a importância que tem a filosofia e os filósofos na obra de Eça”, bem como da variedade e do número expressivo de referências a pensadores filósofos. O crítico ressalta que, embora as alusões sejam geralmente de “carácter sumário e superficial [...] uma espécie de lugares comuns da cultura filosófica” (Santos, 2008, p. 191), são todas “bem informadas e corretas”, evidenciando o conhecimento enciclopédico do escritor, cujo interesse esteve, em específico, no que concerne à construção de suas obras, mais no “anedótico e [n]as consequências das doutrinas dos filósofos” na cultura europeia do que nos seus “respectivos fundamentos ou princípios” (Santos, 2008, p. 191). Ou seja, enquanto escritor de ficção, a Eça, interessaram mais os sintomas sociais do pensamento sistemático-teórico e das afirmações dogmáticas inerentes ao seu tempo do que propriamente a compreensão dos conceitos basilares de cada uma dessas doutrinas.

Relativamente à possibilidade de haver ecos das teorias europeias do século XIX nos escritos queirosianos, Santos (2008, p. 192) sublinha a competência de Eça em ter percebido a “viragem em curso na filosofia, que se encaminhava do positivismo para um novo idealismo e espiritualismo”. Um testemunho lúcido dessa guinada histórica seria o artigo “Positivismo e Idealismo”, de 1893, que constitui não apenas uma reflexão perspicaz sobre os desígnios da Europa, mas também um exercício meditativo sobre a condição ontológica do ser humano. Para Santos (2008, p. 192), Eça foi capaz de diagnosticar bem os males do seu tempo:

O diletantismo filosófico do fim do século: experimentam-se todas as doutrinas e em nenhuma se encontra em solução; o positivismo de Auguste Comte e dos seus epígonos, com o seu optimismo na ciência e no progresso científico, técnico e político, sucede o pessimismo de Schopenhauer e o niilismo, ou a sedução pelas doutrinas do inconsciente de Eduard von Hartmann e a sedução por formas de irracionalismo e de esoterismo, ou pelas doutrinas orientais (budismo, hinduísmo) (Santos, 2008, p. 192).

É fato que Eça de Queirós jamais aceitou o papel de mentor. Mesmo tendo integrado um grupo de jovens intelectuais que apostou na renovação mental e política de Portugal, tendo, inclusive, discursado nas Conferências do Casino, em 1871, sobre o realismo na arte, nunca se afirmou como o guia de uma geração, mas tão somente como artista e provocador. Naturalmente, isso não o impediu de se manter deveras atento aos acontecimentos da Europa e do seu país (como dão prova suas cartas, textos jornalísticos, artigos ideológicos e mesmo romances), vendo-o sempre à distância e de maneira crítica, pela ótica das experiências colhidas nos países pelos quais passou ao longo da carreira de cônsul.

Na definição do conceito de “último Eça”, o crítico Miguel Real (2006) fala do “Período Humanista” (1893 a 1900) do escritor, ressaltando, como principais marcas estilísticas dessa fase derradeira, a opção pelo ensaísmo e pelo comparativismo, o que caracterizaria uma busca de respostas para as grandes questões da civilização europeia finissecular. Nas palavras de Real (2006, p. 169), nas obras finais de Eça, vê-se o levantamento de “grandes sínteses inconclusivas”, ou seja, a impossibilidade de oferecer ao leitor certezas (posicionamentos rígidos) sobre qualquer tema que seja. Isso porque, no último Eça, nenhuma verdade se sustenta por muito tempo. Teses são construídas e destruídas no desenrolar da narrativa.

Nesse processo de construção e de desconstrução de verossimilhanças, reconhecemos o que chamamos de antifilosofia: uma forma de pensamento dubidativo do acesso à verdade pela razão científica. Trata-se, propriamente, de um antidogmatismo que busca estabelecer a isostenia cética e, assim, possibilitar a suspensão de juízo. As doutrinas filosóficas podem, num primeiro momento, parecer válidas e plausíveis, porém, quando opostas umas às outras ou distendidas, mostram as suas inoperâncias e limitações. Logo, entende-se que não há opinião ou crença que represente um conhecimento seguro e irrefutável de mundo. Todas

dependem da validação de uma subjetividade humana, por isso não informam nada a respeito da verdade em si, mas somente sobre as inclinações daqueles mesmo que as validaram.

Pedro Schacht (2013, p. 77), em *Filósofos de trazer por casa*, no atinente à presença da filosofia no último Eça, sublinha, na análise de “José Matias”, o deslocamento do foco narrativo (quer dizer, da história em si) “para a condição póstuma do discurso do próprio narrador e para o caráter questionável da pertinência filosófica desse mesmo discurso”. Na avaliação do crítico, num tempo em que o ideário positivista se acha seriamente desgastado, a apropriação da filosofia pela literatura queirosiana envolve uma crítica e uma valorização do potencial questionador do discurso literário. A sátira da filosofia, ocorrida em contexto ficcional, volta-se contra si mesma, porque não se dirige apenas ao objeto satirizado, mas também ao próprio discurso que sobre ele se constrói. Nesse sentido, “José Matias” inclui não só uma problematização das garantias e da superioridade do conhecimento filosófico positivista, mas ainda uma problematização do caráter mediado do discurso literário, ao passo que evidencia a distância entre o autor implícito e a matéria ficcional.

Dizendo-se versado em Hegel, comentador de Espinosa e Malebranche, revitalizador de Fichte, o narrador se acha desafiado a analisar a admiração de José Matias por Elisa Miranda, com o intuito de, segundo ele mesmo aponta, encontrar uma lógica razoável para o comportamento incomum do seu amigo de geração. Tenderá, em suma, a descrever essa obsessão por Elisa como fruto de um espiritualismo exacerbado, já que totalmente desinteressado da relação conjugal e mesmo da satisfação carnal. Nesse passo, acompanhando o cortejo fúnebre de José Matias, o narrador detalha os acontecimentos que marcaram a degeneração da personagem, fazendo uma análise, de caráter experimental, de tal fenômeno amoroso.

O narrador começa o seu relato *in medias res*, assinalando, primeiramente, o tempo em que se encontra dos fatos. Para tanto, oferece detalhes do enterro do protagonista José Matias, a partir do qual passa à descrição da personagem, indo da sua juventude à maioridade. Diz-se, a princípio, que a geração coimbrã de José Matias o teve como um sujeito banal, “nunca uma poeira estouvada nos sapatos!”, um sujeito “sempre cordial, e mansamente risonho”, dono de uma “inabalável quietação [que] parecia provir duma imensa superficialidade sentimental”

(Queirós, 2009, p. 365). Ao se formar, sendo órfão no mundo, José Matias “herdara cinquenta contos, partiu para Lisboa, alegrar a solidão dum tio que o adorava, o general Visconde de Garmilde” (Queirós, 2009, p. 365).

O Garmilde morava então em Arroios, numa casa antiga de azulejos, com um jardim, onde ele cultivava apaixonadamente canteiros soberbos de dalias. Esse jardim subia muito suavemente até ao muro coberto de hera que o separava de outro jardim, o largo e belo jardim de rosas do Conselheiro Matos Miranda, cuja casa, com um arejado terraço entre dois torrãozinhos amarelos, se erguia no cimo do outeiro e se chamava a casa da “Parreira” (Queirós, 2009, p. 365).

Certo dia, voltando da praia de Ericeira, José Matias teria avistado “Elisa Miranda, uma noite no terraço, à luz da Lua!” (Queirós, 2009, p. 366). Segundo o narrador, tratava-se de uma linda mulher: “Alta, esbelta, ondulosa, digna da comparação bíblica da palmeira ao vento. Cabelos negros, lustrosos e ricos, em bandós ondeados. Uma carnação de camélia muito fresca. Olhos negros, líquidos, quebrados, tristes, de longas pestanas...” (Queirós, 2009, p. 366). Vê-se, na descrição, uma valorização romântica da beleza de Elisa, algo sinalizador de uma visão de mundo específica: “Ah! Meu amigo, até eu, que já então laboriosamente anotava Hegel, depois de a encontrar numa tarde de chuva esperando a carruagem à porta do Seixas, a adorei durante três exaltados dias e lhe rimei um soneto!” (Queirós, 2009, p. 366-367).

José Matias passa a se mostrar, então, profundamente enamorado: “percebemos logo o forte, profundo, absoluto amor que concebera, desde a noite de Outono, à luz da Lua, aquele coração, que em Coimbra considerávamos de esquilo!” (Queirós, 2009, p. 367). Notemos que o narrador procura, frequentemente, firmar o seu relato na opinião alheia, esquivando-se de emitir juízos exclusivamente seus. A relação de José Matias e Elisa Miranda se estabelece à distância, de terraço para terraço, sendo baseada no cortejo e na troca de olhares. Sugere-se que talvez tenham ido além disso, que se encontraram e trocaram cartas, mas que, de fato, nunca tiveram um contato corpo a corpo:

Decerto se encontravam na quinta de D. Mafalda: decerto se escreviam, e transbordantemente, atirando as cartas por cima do muro que separava os dois quintais: mas nunca, por cima das heras desse muro, procuraram a rara delícia duma conversa roubada ou a delícia ainda mais perfeita dum silêncio escondido na sombra. E nunca trocaram um beijo... Não duvide! Algum aperto de mão fugidio e

sôfrego, sob os arvoredos de D. Mafalda, foi o limite exaltadamente extremo, que a vontade lhes marcou ao desejo (Queirós, 2009, p. 368).

A imprecisão no discurso do narrador, marcada por advérbios de incerteza, soma-se à sua incapacidade, também assumida, de compreender, sistematicamente, a renúncia que, ao longo de dez anos, é observada em José Matias: “E durante dez anos, como o Rui Blas do velho Hugo, caminhou, vivo e deslumbrado, dentro do seu sonho radiante, sonho em que Elisa habitou realmente dentro da sua alma, numa fusão tão absoluta que se tornou consubstancial com o seu ser!” (Queirós, 2009, p. 369). Como assinala o narrador, José Matias, na sua suposta espiritualidade, revela algo que entra em contradição com a imagem que dele era feita. Diz-se, por exemplo, o seguinte: “Essa espiritualização era fácil ao José Matias, que (sem nós desconfiarmos) nascera desvairadamente espiritualista” (Queirós, 2009, p. 368). Tal comentário é flagrante da inaptidão da geração a que pertence o narrador para conceber um modo de vida alternativo àquele mormente inspirado pela influência cultural europeia. Nessa perspectiva, José Matias leva uma existência que, em suma, não é pautada pela razão, porque não é assimilável em termos lógicos. Assim, como que vai ficando clara a contraposição de duas forças estruturantes do conto, qual seja, positivismo e idealismo, que se encontram em equilíbrio, em situação de isostenia.

Isso fica mais explícito quando o narrador, ao sinalizar o seu ponto de vista ideológico, entra em contradição consigo mesmo ou declara não poder explicar José Matias, ainda que não o deixe de tentar. Primeiro, dirá: “este José Matias foi um homem desconsolador para quem, como eu, na vida ama a evolução lógica e pretende que a espiga nasça coerentemente do grão” (Queirós, 2009, p. 364-365). Colocações assim como que vão minando, desde o início, a validade de asserções prévias, segundo um discurso filosófico que se sabe falho, provisório e, por conseguinte, insuficiente. Elisa fica viúva e, diferentemente do que se poderia esperar, José Matias não lhe propõe o casamento, o que leva o narrador e outro sujeito, chamado Nicolau da Barca, à perplexidade: “Ambos nos olhamos, e depois ambos nos separamos, encolhendo os ombros, com aquele assombro resignado que convém a espíritos prudentes perante o Incognoscível” (Queirós, 2009, p. 373). A constatação, no entanto, desafia a filosofia do narrador:

Mas eu, Filósofo, e portanto espírito imprudente, toda essa noite esfuraquei o ato do José Matias com a ponta duma Psicologia que expressamente aguçara: – e já de madrugada, estafado, concluí, como se conclui sempre em Filosofia, que me encontrava diante duma Causa Primária, portanto impenetrável, onde se quebraria, sem vantagem para ele, para mim ou para o Mundo, a ponta do meu Instrumento! (Queirós, 2009, p. 373).

Diante dos acontecimentos, o narrador observa expressivas mudanças em José Matias, as quais vão fazendo dele um sujeito menos verossímil ainda. Se, antes, ele simplesmente deixa de fumar charutos porque descobre que a fumaça perturba Elisa, depois, após a união dela com Torres Nogueira, quando já reinstaurada “a velha união ideal através dos jardins em flor” (Queirós, 2009, p. 376-377), Matias passa a dar ares de “um agitado” (Queirós, 2009, p. 377), numa total disparidade com aquele sujeito inicial de modos tão serenos:

Desesperadamente, durante um ano, remexeu, aturdiu, escandalizou Lisboa! São desse tempo algumas das suas extravagâncias lendárias... Conhece a da ceia? Uma ceia oferecida a trinta ou quarenta mulheres das mais torpes e das mais sujas, apanhadas pelas negras vielas do Bairro Alto e da Mouraria, que depois mandou montar em burros, e gravemente, melancolicamente, posto na frente, sobre um grande cavalo branco, com um imenso chicote, conduziu aos altos da Graça, para saudar a aparição do Sol! (Queirós, 2009, p. 377).

Vê-se, aqui, a impossibilidade de uma ação coerente, conforme pressupõe uma filosofia doutrinária que resiste à cisão do sujeito e ao reconhecimento da sua complexidade. Uma teoria como a positivista, que tende a reduzir o indivíduo, ou mesmo a realidade, a princípios gerais ou a ideias pré-concebidas. O fato é que, buscando uma aproximação com a verdade, o narrador mais parece se afastar dela, especialmente porque as suas análises se fundam em crenças, valores e opiniões pessoais, também condizentes com a sua geração. Ao fim e ao cabo, fica-nos uma interpretação ambígua, que hesita, inclusive, no reconhecimento da humanidade de José Matias.

Elisa fica novamente viúva e reaparece tendo uma relação com outro homem, o João Seco de Beja, e a sociedade teria captado o novo romance

quando das janelas desse n.º 214, onde catalogava a Livraria do Azemel, reconheceu Elisa na varanda da esquina, e o apontador enfiando regaladamente o portão, bem-vestido, bem calçado, de luvas claras, com aparência de ser infinitamente mais ditoso naquelas obras particulares do que nas Públicas (Queirós, 2009, p. 380).

Segundo o narrador, será também por essa janela do 214 que ele conhece o apontador, que é descrito como um moço bonito, “sólido, branco, de barba escura, em excelentes condições de quantidade (e talvez mesmo de qualidade) para encher um coração viúvo, e portanto ‘vazio’, como diz a Bíblia” (Queirós, 2009, p. 380). Ou seja, as personagens quase nunca estão perto, a ponto de serem vistas na sua completude e com nitidez. José Matias, por sua vez, permanece fiel na contemplação de Elisa, mantém-se observando-a diariamente, sempre de longe, da penumbra de um portal:

Era um desses pátios de Lisboa antiga, sem porteiro, sempre escancarados, sempre sujos, cavernas laterais da rua, de onde ninguém escorraça os escondidos da miséria ou da dor. Ao lado havia uma taverna. Infalivelmente, ao anoitecer, o José Matias descia a rua de S. Bento, colado aos muros, e, como uma sombra, mergulhava na sombra do portal. A essa hora já as janelas de Elisa luziam, de Inverno embaciadas pela névoa fina, de Verão ainda abertas e arejando no repouso e na calma. E para elas, imóvel, com as mãos nas algibeiras, o José Matias se quedava em contemplação. Cada meia hora, subtilmente, enfiava para a taverna. Copo de vinho, copo de aguardente; – e, de mansinho, recolhia à negrura do portal, ao seu êxtase. Quando as janelas de Elisa se apagavam, ainda através da longa noite, mesmo das negras noites de Inverno - encolhido, transido, a bater as solas rotas do lajedo, ou sentado ao fundo, nos degraus da escada - ficava esmagando os olhos turvos na fachada negra daquela casa, onde a sabia dormindo com o outro! (Queirós, 2009, p. 381).

Narra-se que Elisa, sabendo que era observada, ia às janelas para retribuir o olhar de José Matias, até que ele falece de uma “congestão nos pulmões” (Queirós, 2009, p. 383). Em dez anos, conforme nos é relatado, o protagonista definha e termina como um indigente, praticamente um vulto do que foi na juventude. Ao fim, temos a expressão chave que dá início e fechamento ao conto: “Linda tarde, meu amigo!” (Queirós, 2009, p. 361) e “Mas que linda tarde” (Queirós, 2009, p. 384). A narrativa acaba com um comentário banal, que sugere um desprendimento, de quem concluí um exercício qualquer. Acontece que o empenho do narrador em o registrar, isto é, em recorrer à literatura para falar da falibilidade da sua filosofia, entrega a dissimulação da sua indiferença. O caso de José Matias, cheio de contradições e paradoxal, termina como algo que não pode ser explicado, ou não o precisa ser, porque é ficcional. Pautando-nos pela análise de Maria Lúcia Lepecki (1974, p. 76, grifo da autora), “Jose Matias” poderia ser visto, mais propriamente, como “o *instrumento* de que se valeu o narrador interno para se mostrar a si mesmo”. Nesse sentido, a pensarmos nas

escolhas do autor implícito, diríamos que se tratou de colocar em perspectiva os limites da fé ilimitada na razão científica.

No artigo “Relendo Eça: ‘José Matias’ mais uma vez” (1995), Annabela Rita analisa a construção da ambiguidade no conto em questão, identificando-a como uma modalidade da ironia queirosiana que leva o leitor a uma indecisão interpretativa. Ela se propõe a verificar de que forma a “*indecisão* semântica” do conto potencializa “um efeito de leitura *modelizante* do conhecimento, ou seja, como a personagem e o discurso sobre ela emergem com natureza artificial, ficcional e ludicamente reflexiva” (Rita, 1995, p. 79, grifo da autora). Para tanto, ela parte de uma análise das estratégias que geram e ampliam o distanciamento irônico do narrador relativamente ao protagonista, depois, do autor implícito relativamente à totalidade do texto. Rita menciona, por exemplo, o modo como José Matias é isolado dos seus contemporâneos (e automaticamente do narrador, que é também um companheiro geracional) ao se dizer que ele foi o “único intelectual que não rugiu com as misérias da Polónia; que leu sem palidez ou pranto as *Contemplações*; que permaneceu insensível ante a ferida de Garibaldi!” (Queirós, 2009, p. 365, grifo do autor).

Dentre os operadores de distanciamento, Rita (1995) indica o sistemático emprego de pronomes demonstrativos, o que releva e confirma a distância entre sujeito e objeto do discurso. José Matias, quando vivo, é chamado por “este”, quando morto, por “esse”. Dessa forma, reforça-se o hiato existente entre José Matias e o narrador, bem como entre o protagonista e os seus amigos de geração. Tal afastamento é acentuado pelo número de adjetivos e advérbios utilizados na representação de José Matias, os quais não só visam à delimitação da sua personalidade (e, por vezes, acabam borrando sua definição), mas também à denúncia dos seus supostos excessos. Diz-se, por exemplo, ser ele dotado de uma “horrenda correção” (Queirós, 2009, p. 365) e de um “rígido espiritualismo” (Queirós, 2009, p. 376).

O comportamento extremado da personagem aponta para o carácter artificioso do seu mundo. José Matias, nos dizeres do narrador, teria sido um sujeito “extraordinário” (Queirós, 2009, p. 375), quer dizer, fora do comum para a sociedade. Nesse sentido, conforme Rita (1995), são importantes as menções às alterações no arranjo do quarto do protagonista, em sugestão à montagem e à ambientação cênica: “Ainda me lembro dele arrancar do quarto três

gravuras clássicas de Faunos ousados e Ninfas rendidas... Elisa pairava idealmente naquele ambiente; e ele purificava as paredes, que mandou forrar de sedas claras” (Queirós, 2009, p. 369). A representação cenográfica fica evidente. O discurso do narrador aparece como parte das estratégias que integram o simulacro.

Ao jogo teatral, junta-se o detalhamento da fisionomia de José Matias, com ênfase no seu sorriso, que tem modulações um tanto estranhas ao longo do relato (Rita, 1995), como “sorria iluminadamente” (Queirós, 2009, p. 367) “num sorriso religiosamente atento” (Queirós, 2009, p. 369). Segundo se conta, a “presença real da divina criatura [Elisa] no seu ser criou no José Matias modos novos, estranhos, derivando da alucinação” (Queirós, 2009, p. 369). O protagonista passa por transformações profundas, as quais se, por um lado, podem ser vistas como sintomáticas de uma patologia psíquica, por outro, resvalam no sobrenatural, de modo que as “extravagâncias lendárias” (Queirós, 2009, p. 364) da personagem a tornam quase que inédita. Sobreleva-se, ainda, o seu amor extraordinário, como diz o narrador, por Elisa Miranda, nunca levado a termo. Amor esse não confirmado pela personagem, quer dizer, não especificado por ele, mas paulatinamente caracterizado como de espiritualismo exorbitante, sendo Matias um sujeito “desvairadamente espiritualista” (Queirós, 2009, p. 369).

Esse sentimento descomedido, por vezes referido como superior e nobre, encontra disparidade noutras observações do narrador, que pinta o jovem José Matias como alguém de compleição banal e superficial: “Em Coimbra sempre o consideramos uma alma escandalosamente banal” (Queirós, 2009, p. 365); “Toda sua inabalável quietação parecia provir duma imensa superficialidade sentimental” (Queirós, 2009, p. 365). Essas contradições levantam suspeita quanto à exatidão do narrador, em reconhecimento do simulacro que o encobre. Contrariando o teor da reflexão filosófica-cientificista indicada, o discurso do narrador apresenta dubiedades e não é corroborado pelas personagens, senão por um companheiro geracional sobre o qual pouco se fala, Nicolau da Barca.

Tal como o falecido Matias, que só podemos conhecer unicamente por intermédio do narrador, Elisa Miranda é vista à distância ou restringida por uma moldura que a enquadra em cena, o que reforça o caráter artificioso da sua presença (Rita, 1995). Elisa é praticamente um

vulto branco, como uma aparição mística, sempre emoldurado por uma janela, anteposta por vidraças e cortinados: “Na casa da Parreira duas janelas brilhavam, fortemente alumiadas, abertas à macia aragem. E essa claridade viva envolvia uma figura branca, nas longas pregas de um roupão branco, parada à beira do terraço, como esquecida numa contemplação” (Queirós, 2009, p. 378).

Na tentativa de definir o protagonista, o narrador acaba por o indefinir, sobretudo pelas contradições e pelas dúvidas que enuncia em relação à sua natureza e à sua constituição psíquica, como já mencionado. Isso se vê, também, na maneira como ele levanta suposições e, posteriormente, dispensa-as, colocando em questão o motivo da sua exposição (Rita, 1995). Acontece que o narrador, conforme irá confessar, não pode conhecer o protagonista a fundo. A incompreensão das motivações de José Matias acaba justificada pela sua impenetrabilidade analítica e pela sua inexplicabilidade. Ostentando um conhecimento em filosofia e se declarando apto para explicar a presumida espiritualidade de Matias, o narrador assume a impossibilidade de acessar uma verdade sobre a complexidade humana, que ele não sabe “nem o soube o divino Platão; nem o saberá o derradeiro filósofo na derradeira tarde do mundo” (Queirós, 2009, p. 384).

Ficamos, então, com uma interpretação indecisa: “era talvez muito mais que um homem ou talvez ainda menos que um homem...” (Queirós, 2009, p. 384). O comentário final do conto sugere não apenas uma ambiguidade, mas, e especialmente, uma interpretação ampla, ou mesmo genérica, potencializada pela discrepância entre estar além ou aquém do homem. A natureza dúbia de José Matias, inacessível à filosofia do narrador, mostra-se insolúvel. O afastamento que o autor implícito toma da história se traduz num questionamento do estatuto do discurso filosófico do narrador. Conforme diz Pedro Schacht (2013, p. 14):

a consciência de que aquilo que as culturas europeias em situação hegemónica um dia tinham proposto sob o nome de filosofia, como modelo de leitura e transformação do real, e que em Portugal e no Brasil apressada e acriticamente era adotado com modelo de comportamento, não passava de ficção, ou de má literatura.

José Matias, como se diz, “muito afeiçoado às ideias, tão penetrante que compreendeu a minha *Defesa da Filosofia Hegeliana!*” (Queirós, 2009, p. 361, grifo do autor), recusou-se a ser como os intelectuais da sua “ardente geração” coimbrã, que não o puderam compreender e

viram na sua “inabalável quietação” apenas uma “imensa superficialidade sentimental”, ainda que nunca manifestasse “secura ou dureza ou egoísmo ou desafabilidade” (Queirós, 2009, p. 365). Ao se negar a ser como todos, José Matias nega também a palavra do narrador e a sua filosofia. O modo da personagem se relacionar com o mundo, que poderia se traduzir numa filosofia bastante pessoal, é ininteligível para a juventude coimbrã positiva – que “na vida ama a evolução lógica e pretende que a espiga nasça coerentemente do grão” (Queirós, 2009, p. 365) –, a qual tendeu a acompanhar a moda geral das ideias e das sociedades europeias. José Matias resiste a enquadramentos sistemáticos ou à lógica comum. Ao dizer não à realidade contemporânea (que também o nega), procura viver à sua maneira. Seus amigos/conhecidos não o compreendem por que visam à coerência e são incapazes de admitir uma concepção de mundo não baseada na razão. Resistem à fragmentação da unidade do sujeito e enxergam a realidade como algo dado, com valores estanques.

De solicitação filosófica e, poderíamos dizer, mediado por uma subjetividade com interesses específicos, o discurso do narrador se revela insuficiente e algo provisório. Isso porque necessita da plataforma literária para subsistir. “José Matias”, na avaliação de Rita (1995), poderia ser encarado como um tipo de “exercício reflexivo de algum virtuosismo e muita ironia”, constituindo “a hipótese de uma reflexão sobre tal tipo de objeto, e sugerindo uma propedêutica a uma metodologia de conhecimento”. Porém, ao nosso ver, o fato central desse conto é que o sujeito do discurso não escreve um tratado filosófico, recorre ao expediente literário para exercitar seu pensamento.

Se, na perspectiva do narrador, José Matias se mostra impenetrável, inacessível aos seus conhecimentos e à sua perscrutação filosófica, ao menos a ficcionalização de um caso amoroso incomum, que beira ao insólito, encontra alguma pertinência. A literatura, não se submetendo a um padrão metafísico ou a um conjunto de princípios dogmáticos, revela-se, talvez, mais efetiva no questionamento da condição ontológica do ser. Legitima-se, com isso, o potencial filosófico da obra literária, isto é, a sua capacidade singular de questionar e pensar a realidade mediante a formulação de hipóteses e a discussão dos resultados possíveis: “discute-se o mundo, suspeitando-se das concepções que o pretendem reger e, ao mesmo tempo, se discute a discussão em si” (Krause, 2004, p. 32).

Deduzimos, também, a partir das observações de Pedro Schacht (2013) sobre “José Matias”, uma mostra do ceticismo queirosiano, ou simplesmente uma dúvida quanto à condição do discurso cientificista do narrador e quanto à sua pertinência filosófica. Haja vista a crise do ideário positivista ao fim do século XIX, a constante busca de explicações e a convicção na ciência pode se revelar autoilusória, uma igual ficção – ou, parafraseando Pedro Schacht, uma má ficção. O homem, afinal de contas, não lhe bastando a precisão científica, trata logo de correr à fantasia, conforme conclui Eça em “Positivismo e idealismo”, de 1893, postumamente coligido em *Notas contemporâneas* (1961).

A condição do universo de José Matias, que dispensa a verossimilhança e a veracidade, é satirizar a filosofia doutrinária, em favor de uma especulação desprendida e não interessada em conclusões, ou que não precisa de conclusões e se contenta com o paradoxal. Num tempo de muito barulho, de vários “ismos”, como podemos ver em *A cidade e as serras*, que disputam a verdade e se contradizem, ao menos o discurso literário oferece alguma certeza e alguma permanência. Noutro sentido, a narrativa se encerra no Cemitério dos Prazeres, onde tudo o que se pôde filosofar sobre José Matias vai enterrado com ele. Portanto, não existe um fundamento firme e duradouro, quando toda base argumentativa, ao ser pesada e confrontada, está suscetível ao aterramento nivelador.

Referências:

KRAUSE, Gustavo Bernardo. *A ficção cética*. São Paulo: Annablume, 2004.

QUEIRÓS, Eça de. Positivismo e idealismo. In: QUEIRÓS, Eça de. *Notas contemporâneas*. São Paulo: Brasiliense, 1961. p. 190-194.

QUEIRÓS, Eça de. *A correspondência de Fradique Mendes*. Rio de Janeiro: Ediouro, [2002?].

QUEIRÓS, Eça de. José Matias. In: QUEIRÓS, Eça de. *Contos I*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009. p. 363-384.

QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

RITA, Annabela. Relendo Eça: “José Matias” mais uma vez. *In: III ENCONTRO INTERNACIONAL DE QUEIROSIANOS*, 1995. 150 ANOS COM EÇA DE QUEIRÓS. São Paulo. *Anais...* São Paulo: FFLCH/ USP, 1995. p. 79-82.

REAL, Miguel. *O último Eça*. Lisboa: Quid Novi, 2006.

SANTOS, Leonel Ribeiro dos. Eça de Queirós e a Filosofia, ou o artista enquanto pensador. *In: SANTOS, Leonel Ribeiro dos. Melancolia e apocalipse: estudos sobre o pensamento português e brasileiro*. Lisboa: IN-CM, 2008.

SCHACHT, Pedro. *Filósofos de trazer por casa – Cenários de apropriação da Filosofia em Almeida Garrett, Eça de Queirós e Machado de Assis*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

THE INSUFFICIENCY OF PHILOSOPHY IN "JOSÉ MATIAS"

ABSTRACT: The short story "José Matias" (1897) is among the most complex works by the Portuguese writer Eça de Queirós, renowned for its intricate structure and metaphorical depth. Written during a period of literary maturity, it appears alongside Queirós's heterogeneous novels, *A cidade e as serras* (1901) and *A correspondência de Fradique Mendes* (1900), where philosophical themes also play a prominent role. This study explores the significance of philosophy in "José Matias" and its inherent "insufficiency." The narrator, who identifies as a philosopher, attempts to use his knowledge to unravel the unconventional love of the protagonist, José Matias, characterized by profound spiritualism. However, the protagonist eludes the narrator's philosophical analysis, remaining enigmatic and resistant to positivist logic. We argue that José Matias's life, unconcerned with factual accuracy or conventional truth, serves as a satirical critique of doctrinal philosophy. Through its literary framework, the story embodies a form of detached speculation, which thrives on paradox and is unconcerned with definitive conclusions.

KEYWORDS: Portuguese literature, Eça de Queirós, Philosophy, Ceticism.